

# Depois dos 35 anos, quais as intenções de fecundidade dos Sul Europeus?

Rita Freitas (CIDEHUS-UÉ, rfreitas@uevora.pt)

Maria Filomena Mendes (Universidade de Évora, CIDEHUS-UÉ, mmedes@uevora.pt)

Andreia Maciel (CIDEHUS-UÉ, amaciel@uevora.pt)

## Abstract

Because low fertility is common in southern European countries and considering that in recent decades both men and women have been postponing the birth of the first and therefore the second child, it is of our interest to study the determinants of reproductive decision-making, particularly of southern Europeans older than 35, age from which it is considered that those who don't have children or have only one have postponed their fertility intentions.

Using the Eurobarometer data (2011) and logistic regression models, we analyse the factors that determine the intention of remaining childless and with only one child. Also, we study if variables related to values, perceptions and expectations gain greater relevance than a set of background variables. Thus, we give a special attention to the effect that values and attitudes can have in the context of reproductive decision-making.

The findings show that respondent's perceptions about their lives and the environment of their country are crucial to explain the intention of remaining childless or with only one child. For southern Europeans, negative perceptions and expectations about the situation of the country inhibit the process of decision-making to have a/another child, especially when the decision at issue is transitioning to the second child.

This paper reports to the importance of considering values, perceptions and expectations of individuals regarding their lives and the environment of their country as predictors of fertility behaviour.

**Key words:** childlessness, late fertility, postponement, values e attitudes, south Europe.

## **Resumo**

Sendo a baixa fecundidade comum aos países do sul da Europa e considerando que nas últimas décadas tanto homens como mulheres têm vindo a adiar o nascimento do primeiro e, conseqüentemente, do segundo filho, interessa estudar os determinantes das intenções de fecundidade, em particular, dos sul europeus com mais de 35 anos, idade a partir da qual se considera que aqueles que não têm filhos ou que têm apenas um adiaram os seus projetos de fecundidade.

Recorrendo à base de dados do Eurobarómetro (2011) e a modelos de regressão logística, analisámos os fatores que determinam a intenção de permanecer sem filhos ou com apenas um filho e se questões relacionadas com valores, percepções e expectativas ganham uma maior relevância face às características sociodemográficas. Deste modo, damos especial enfoque ao efeito que os valores e atitudes podem ter no contexto da fecundidade.

Os resultados mostram que as percepções dos indivíduos em relação à sua vida e ao estado do país são determinantes para explicar a intenção de permanecer sem filhos ou com apenas um filho. Para os sul europeus, percepções e expectativas negativas em relação ao estado do país são inibidoras no processo da tomada de decisão de ter (mais) filhos, especialmente quando a decisão em causa é transitar para o segundo filho.

Este trabalho reporta para a importância de considerar valores, atitudes e expectativas dos indivíduos em relação à sua vida no geral e ao estado do país como preditores do comportamento reprodutivo.

**Palavras chave:** infecundidade, fecundidade tardia, adiamento, valores e atitudes, Europa do sul.

A baixa fecundidade é atualmente uma das grandes preocupações de alguns países europeus, incluindo os do Sul. Portugal não é exceção, pois regista um dos níveis de fecundidade mais baixos da Europa e do mundo. Em 2013, o índice sintético de fecundidade foi igual a 1,21 filhos por mulher, sendo que em 1982 aquele indicador passou a situar-se abaixo do limiar da substituição das gerações (2,1 filhos por mulher) e em 1994 ficou, pela primeira vez, abaixo dos 1,5 filhos por mulher. De certa forma, o aumento do número de mulheres e homens que não têm filhos e o adiamento da entrada na parentalidade têm contribuído para os baixos valores dos índices de fecundidade observados (Morgan, 1991; Sobotka, 2008). De facto, nos últimos anos, o adiamento no nascimento do primeiro e, conseqüentemente, do segundo filho tem sido um comportamento comum entre os portugueses (Mendes, 2012), sendo que, atualmente, em 2014, a idade média em que as mulheres têm filhos é aos 31,5 anos e a idade com que têm o primeiro filho é igual a 30,0 anos. A proximidade entre estas idades indica que as mulheres portuguesas tendem a ter apenas um filho e tardiamente. Nos restantes países do sul da Europa também se tem verificado o adiamento do projeto de fecundidade. Efetivamente, segundo dados do Eurostat de 2014, na Grécia as mulheres tiveram o primeiro filho, em média, aos 30,0 anos, em Espanha aos 30,6 anos e em Itália, o valor estimado foi de 30,7 anos. Apesar do notório adiamento dos projetos de fecundidade, pouco sabemos sobre as intenções reprodutivas dos sul europeus depois dos 35 anos, idade a partir da qual a decisão de ter um filho ou de transitar para o segundo filho pode começar a ser comprometida por limites biológicos. Neste sentido, pretende-se identificar quais os factores que distinguem aqueles indivíduos que, após os 35 anos, tencionam manter-se sem filhos ou com apenas um filho.

## **I. Dados e Metodologia**

Usando dados europeus sobre as intenções de fecundidade (Eurobarómetro, 2011) e recorrendo à construção de modelos de regressão logística, pretende-se encontrar os fatores que explicam o duplo adiamento da fecundidade, i. e. o adiamento no nascimento quer do primeiro, quer naturalmente do segundo filho. Primeiro, pretende-se distinguir os determinantes da intenção de permanecer sem filhos (*childlessness* permanente) depois dos 35 anos, comparando estes indivíduos com aqueles que não tendo filhos ainda tencionam tê-los (*childlessness* temporário). Em seguida, pretende-se descobrir os factores que influenciam a decisão de permanecer com apenas um

filho depois dos 35 anos, comparando estes indivíduos com aqueles que ainda pretendem transitar para o segundo filho. No ajustamento destes modelos, considerámos não apenas os Portugueses, mas também os Espanhóis, os Italianos e os Gregos, e incluímos indivíduos com idades entre os 36 e 54 anos. Em ambos os modelos consideramos algumas variáveis de caracterização retiradas da base de dados do Eurobarómetro, tais como a idade, o sexo, o país e a dimensão da área de residência, a situação conjugal, o nível de escolaridade do próprio, do pai e da mãe, a situação de emprego, o número ideal de filhos para uma família e variáveis relacionadas com as percepções e expectativas dos indivíduos em relação à sua vida e ao estado do país. A amostra do Eurobarómetro foi selecionada utilizando um esquema de amostragem complexo, o qual permite obter amostras representativas dos diferentes países. Assim, de forma a obter estimativas das variâncias mais precisas e não enviesadas, para ajustar os modelos de regressão logística incluímos os pesos relativos aos países analisados.

Os modelos de regressão logística têm uma grande aplicabilidade quando se pretende ajustar um modelo parcimonioso que permita descrever a relação entre uma variável resposta e um conjunto de variáveis explicativas. Porém, o que distingue um modelo de regressão logística é o facto da variável resposta ser uma variável dicotómica, como é o caso das variáveis resposta deste estudo. O modelo de regressão logística pode ser escrito através da expressão

$$\pi(\mathbf{X}) = E(Y | \mathbf{X}) = \frac{1}{1 + e^{-(\beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_p X_p)}},$$

onde  $\pi(\mathbf{X}) = E(Y | \mathbf{X})$  representa a média da variável resposta  $Y$  condicionada aos valores das  $p$  variáveis explicativas, tal que  $\mathbf{X} = (X_1, X_2, \dots, X_p)$ .

O ajuste destes modelos foi efetuado com recurso aos pacotes *survey*, *rms*, *mfp*, *EPI* e *epiR* do programa *R Project* (R Core Team, 2012). Para ajustar os modelos seguimos a estratégia definida por Hosmer *et al.* (2013) e a significância das variáveis e das interações foi testada recorrendo ao teste de Wald modificado. A adequabilidade do ajustamento foi feita recorrendo aos testes de bondade de ajustamento de Hosmer & Lemeshow e de Cessie-van Houwelingen e a capacidade discriminativa avaliada pelo valor AUC da curva ROC.

## II. Resultados – *Childlessness* Permanente

Para encontrar os determinantes do *childlessness* permanente nos países do sul da Europa, consideramos uma amostra de 214 indivíduos com idades compreendidas entre os 36 e os 54 anos e recorremos a um modelo de regressão logística considerando a variável resposta: 0 – *childlessness* temporário (55%); 1 – *childlessness* permanente (45%). Para o modelo multivariado ajustado (Tabela 1), concluímos que, por um lado, as variáveis idade, país de residência, nível de escolaridade do próprio, número de filhos considerado ideal para uma família, avaliação da situação de emprego do indivíduo e do sistema de pensões no seu país, revelaram-se significativas a menos de 5%. Por outro lado, as variáveis sexo, dimensão da área de residência, situação de emprego, situação conjugal, nível de escolaridade do pai ou da mãe e as restantes variáveis relacionadas com a percepção e expectativas futuras em relação à vida do indivíduo e ao estado do país, não se revelaram determinantes para a decisão de permanecer sem filhos depois dos 35 anos. Para perfis fixos em relação às restantes variáveis, concluímos que a idade faz depender o seu efeito do número ideal de filhos. Porém, seja para os que têm ideais iguais ou superiores a 2, como para os que têm ideais mais reduzidos, por cada ano a mais, as possibilidades destes indivíduos se manterem sem filhos aumentam. Mesmo para aqueles com ideais mais alargados, é notório o efeito da idade, sendo que um indivíduo que seja um ano mais velho do que outro tem mais 55 % (OR = 1,55; IC<sub>95%</sub> = (1,33;1,81)) de possibilidades de se manter sem filhos. Este modelo permitiu igualmente concluir que portugueses, espanhóis ou italianos têm mais possibilidades de permanecer sem filhos do que os gregos (OR = 11,70; IC<sub>95%</sub> = (2,34;58,64)) e que os indivíduos que possuem o ensino secundário têm mais possibilidades de ser *childlessness* permanente depois dos 35 anos do que os que têm um grau de instrução até ao básico (OR = 6,21; IC<sub>95%</sub> = (1,89;20,45)). Já quando se comparam os indivíduos com um nível de escolaridade superior com os restantes, concluímos que não existem diferenças significativas no respeitante às suas intenções reprodutivas. Adicionalmente, concluímos que aqueles que fazem uma má avaliação da sua situação de emprego têm mais possibilidades de ser *childlessness* permanente (OR = 5,90; IC<sub>95%</sub> = (2,04;17,07)), assim como os que fazem uma má avaliação do sistema de pensões no seu país (OR = 2,91; IC<sub>95%</sub> = (1,22;6,96)). Por fim, concluímos que os que têm baixos ideais relativamente ao número de filhos de uma família têm mais possibilidades de permanecer *childlessness* do que aqueles que têm ideais mais

alargados. Por exemplo, um indivíduo com 36 anos e que tenha ideais mais reduzidos tem 9 vezes (OR = 9,74; IC<sub>95%</sub> = (2,18;43,43)) mais possibilidades de permanecer sem filhos do que um que, com a mesma idade, considere que o número ideal de filhos de uma família é igual ou superior a 2. Já se considerarmos apenas os indivíduos com 40 anos esta razão de possibilidades diminui (OR = 4,27; IC<sub>95%</sub> = (1,25;8,44)). Deste modo, constata-se que aquelas diferenças se atenuam com a idade e, a partir dos 41 anos, o número ideal de filhos deixa de ser determinante para explicar as intenções dos indivíduos.

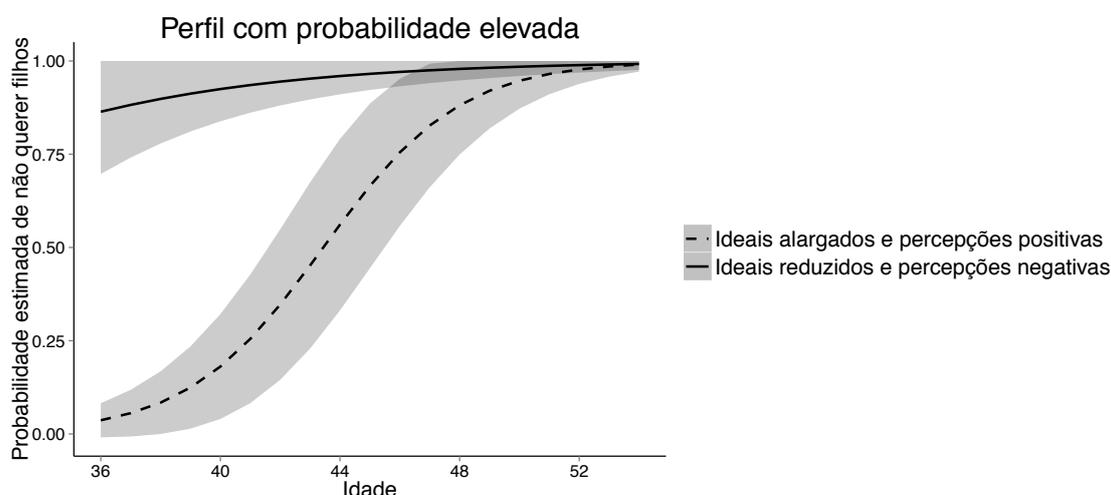
Tabela 1: Coeficientes estimados ( $\hat{\beta}$ ) do modelo de regressão logística para infecundidade permanente vs. temporária, respetivos desvios-padrão estimados ( $\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$ ) e valores p (teste de Wald) associados (valor p do teste de Hosmer = 0,61).

Covariáveis	$\hat{\beta}$	$\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$	p value
Idade	0,44	0,08	<0,001
País (ref: Portugal, Espanha e Itália)			
Grécia	-2,46	0,82	0,003
Nível de escolaridade (ref: Básico ou inferior)			
Secundário	1,83	0,61	0,003
Superior	0,87	0,71	0,23
Número ideal de filhos para uma família (ref: 2 ou mais)			
Menos de 2	12,17	4,22	0,004
Avaliação da situação de emprego do indivíduo (ref: Boa)			
Má	1,78	0,54	0,001
Avaliação do sistema de pensões no país (ref: Mau)			
Bom	-1,07	0,44	0,02
Idade x Número ideal de filhos (menos de 2)	-0,27	0,10	0,01

*Notas:* Para a variável idade verificámos o pressuposto da linearidade com a função *logit*, tanto através do método dos quartis, como através do método dos polinómios fracionários. Agrupámos a variável país de residência em duas categorias (Portugueses, Espanhóis e Italianos vs. Gregos), pois através do teste de razão de verosimilhanças (TRV) concluímos que não existiam diferenças significativas entre o modelo com as categorias separadas e o modelo com as categorias agrupadas (valor p = 0,06). Também agrupámos as categorias da variável número ideal de filhos, pois através do TRV (valor p = 0,47) concluímos que o coeficiente da categoria mais de dois filhos não diferia significativamente da referência (2 filhos). O modelo revelou um bom ajustamento aos dados, pois obtivemos um valor de R<sup>2</sup> de Nagelkerke igual a 57 % e uma capacidade discriminativa excelente (AUC=0,90).

Considerando as características potenciadoras da intenção de permanecer sem filhos depois dos 35 anos, é possível traçar o perfil mais provável daqueles indivíduos que deverão permanecer *childlessness* depois dos 35 anos. Na Figura 1, apresentamos o perfil com probabilidade elevada de permanecer sem filhos (linha contínua), considerando os indivíduos que residem em Portugal, Espanha ou Itália, que têm o ensino secundário e ideais reduzidos para o número de filhos de uma família (menos de 2 filhos) e que fazem uma má avaliação da sua situação de emprego e do sistema de pensões no seu país, em função da idade. Para o perfil referido, concluímos que a probabilidade dos indivíduos permanecerem sem filhos aumenta com a idade. Porém, verificamos que estas probabilidades são inferiores quando consideramos aqueles indivíduos com ideais mais alargados e com melhores percepções em relação à sua situação de emprego e ao sistema de pensões no seu país. Mantendo fixas as características sociodemográficas destes indivíduos, podemos concluir que aos 36 anos, por exemplo, um indivíduo que tenha ideais mais reduzidos e que não faça uma boa avaliação do sistema de pensões ou da sua situação de emprego tem uma probabilidade de não ter filhos muito superior (86 %) à de um indivíduo que, com a mesma idade, tenha ideais mais alargados e percepções positivas (4%). Adicionalmente, concluímos que só a partir dos 45 anos é que não se verificam diferenças significativas entre as probabilidades destes dois grupos de indivíduos.

Figura 3: Perfil com probabilidade elevada de permanecer sem filhos depois dos 35 anos. As regiões a sombreado representam os respetivos intervalos de confiança a 95%.



### III. Resultados – Decisão de permanecer com apenas um filho

Para encontrar os determinantes da intenção de permanecer com apenas um filho depois dos 35 anos considerámos uma amostra de 299 indivíduos com idades compreendidas entre os 36 e os 54 anos e recorremos a um modelo de regressão logística considerando a variável resposta: 0 – tem um filho e pretende ter mais (23 %); 1 – tem um filho e não pretende ter mais (77 %). Para o modelo multivariado ajustado (Tabela 2) as variáveis idade, sexo, país de residência, nível de escolaridade do indivíduo, existência de emprego, avaliação da sua vida no geral, do acesso à habitação e da situação económica do seu país e expectativas em relação a subsídios a desempregados no seu país, revelaram-se significativas (a menos de 5%) para explicar a intenção de permanecer com apenas um filho, depois dos 35 anos. Repare-se que, no que concerne à intenção de permanecer com apenas um filho, encontramos um maior número de determinantes relacionados com as percepções dos indivíduos. Se para a intenção de permanecer sem filhos depois dos 35 anos, apenas se revelam determinantes a avaliação que os indivíduos fazem da sua situação de emprego e do sistema de pensões no seu país, já no caso de permanecer com apenas um filho, passa a ser importante a percepção que os indivíduos têm da vida em geral, do acesso à habitação, da situação económica no país e em relação aos subsídios de desemprego no seu país. Em oposição, o número ideal de filhos deixa de ser determinante quando a decisão em causa é manter-se com apenas um único filho.

Para perfis fixos em relação às restantes variáveis, podemos concluir que por cada ano a mais, as possibilidades destes indivíduos não quererem transitar para o segundo filho aumentam cerca de 38 % (OR = 1,38; IC<sub>95%</sub> = (1,24;1,53)). Este modelo também permitiu concluir que as mulheres têm o triplo (OR = 2,95; IC<sub>95%</sub> = (1,26;6,89)) das possibilidades de não transitar para o segundo filho do que os homens e que os portugueses e italianos têm quase 5 vezes (OR = 4,76; IC<sub>95%</sub> = (1,94;11,66)) mais possibilidades de permanecer com um filho único do que os espanhóis e os gregos. Concluimos também que os que possuem um grau de instrução até ao ensino básico têm mais possibilidades de não transitar para o segundo filho do que os que têm o ensino secundário (OR = 3,63; IC<sub>95%</sub> = (1,33;9,87)). Também neste caso, quando se comparam os que têm o ensino superior com os que têm níveis de escolaridade mais baixos, concluimos que não existem diferenças significativas entre as suas intenções reprodutivas. Adicionalmente, concluimos que os que não têm emprego têm mais possibilidades de não transitar para o segundo filho (OR = 5,92; IC<sub>95%</sub> = (1,59;22,04))

e que os que não se sentem satisfeitos com a sua vida no geral têm o triplo (OR = 3,07; IC<sub>95%</sub> = (1,02;9,29)) das possibilidades de permanecer com apenas um filho do que os que estão satisfeitos. Concluimos também que os que fazem uma má avaliação do acesso à habitação no seu país têm mais possibilidades de não transitar para o segundo filho (OR = 4,02; IC<sub>95%</sub> = (1,27;12,74)), assim como os que fazem uma má avaliação da situação económica do seu país (OR = 6,89; IC<sub>95%</sub> = (1,40;33,95)). Finalmente, concluimos que os que têm piores expectativas em relação aos subsídios a desempregados no seu país têm mais possibilidades (OR = 3,59; IC<sub>95%</sub> = (1,48;8,68)) de permanecer com apenas um filho.

Tabela 2: Coeficientes estimados ( $\hat{\beta}$ ) do modelo de regressão logística para a decisão permanente de ter um filho vs. temporária, respetivos desvios-padrão estimados ( $\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$ ) e valores p (teste de Wald) associados (valor p do teste de Hosmer = 0,76).

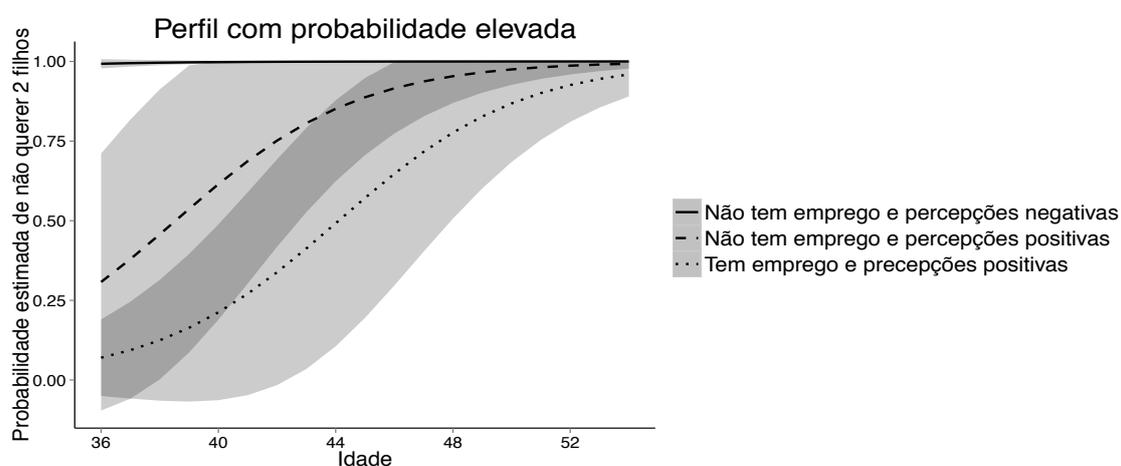
Covariáveis	$\hat{\beta}$	$\hat{\sigma}_{\hat{\beta}}$	Valor p
Idade	0,32	0,05	<0,001
Sexo (ref: Homens)			
Mulheres	1,08	0,43	0,01
País (ref: Portugal e Itália)			
Grécia e Espanha	-1,56	0,46	<0,001
Nível de escolaridade (ref: Básico ou inferior)			
Secundário	-1,29	0,51	0,01
Superior	-0,97	0,61	0,11
Situação de emprego (ref: Tem emprego)			
Não tem emprego	1,78	0,67	0,01
No geral, como se sente em relação à vida que tem? (ref: Satisfeito)			
Não satisfeito	1,12	0,56	0,047
Avaliação do acesso à habitação no país (ref: Má)			
Bom	-1,39	0,59	0,02
Avaliação da situação económica do país (ref: Má)			
Boa	-1,93	0,81	0,02
Expectativas em relação a subsídios a desempregados no país (ref: Melhor ou na mesma)			
Pior	1,28	0,45	0,005

Notas: Para a variável idade verificamos o pressuposto da linearidade com a função *logit*, tanto através do método dos quartis, como através do método dos polinómios fracionários. Agrupámos a variável país em duas categorias: Portugal e Itália vs. Grécia e Espanha, pois os coeficientes correspondentes do

modelo de regressão logística não eram significativamente diferentes entre si (valores p do TRV iguais a 0,41 e 0,40, respetivamente). O modelo de regressão logística ajustado revelou um bom ajustamento aos dados, pois obtivemos um valor de  $R^2$  de Nagelkerke igual a 51 % e uma boa capacidade discriminativa (AUC=0,89).

Na Figura 2, apresentamos o perfil com probabilidade elevada da intenção de não transitar para o segundo filho (linha contínua), no qual consideramos mulheres, portuguesas ou italianas, com ensino até ao básico, que não têm emprego, que não estão satisfeitas com a sua vida em geral, que fazem uma má avaliação do acesso à habitação e da situação económica do seu país e que têm piores expectativas em relação a subsídios a desempregados no seu país, em função da idade. Para este perfil, concluímos que a probabilidade dos indivíduos não transitarem para o segundo filho é praticamente igual a 1, seja qual for a idade considerada. Porém, ao variar as percepções dos indivíduos em relação à sua vida e ao estado do país (i.e., considerando as mulheres que estão satisfeitas com a sua vida no geral, que fazem uma boa avaliação do acesso à habitação e da situação económica do seu país e que têm melhores ou as mesmas expectativas em relação aos subsídios a desempregados no seu país), concluímos que as probabilidades destas mulheres permanecerem com apenas um filho são consideravelmente inferiores, principalmente para as mais jovens. Se, para além de considerarmos percepções positivas, fizermos variar a situação de emprego, verificamos que estas probabilidades são ainda mais baixas, seja qual for a idade considerada. Mantendo fixas as características sociodemográficas destas mulheres, concluímos que uma mulher com 36 anos que tenha emprego e que faça uma avaliação positiva da sua vida em geral, do acesso à habitação, da situação económica do seu país e que tenha melhores expectativas em relação aos subsídios de desemprego no seu país, apresenta uma probabilidade de não transitar para o segundo filho muito baixa (7 %). Já para uma mulher com a mesma idade que, apesar de ter percepções positivas, não tenha emprego, essa probabilidade é igual a 31 % e é igual a 99 % se as suas percepções forem negativas e se não tiver emprego.

Figura 4: Perfil com probabilidade elevada da decisão permanente de não transitar para o segundo filho depois dos 35 anos. As regiões a sombreado representam os respetivos intervalos de confiança a 95%.



#### IV. Considerações finais

Os resultados destes modelos permitem identificar fatores potenciadores da infecundidade e fecundidade tardia. Concluimos que a idade é um fator comum em ambos os estudos efetuados. Depois dos 35 anos, o aumento da idade potencia a decisão de não ter filhos ou de não ter o segundo filho. Desta forma, a idade assume um papel extremamente importante nas intenções reprodutivas destes indivíduos, sendo que se confirma que aqueles que atingem idades mais avançadas sem ter filhos são mais propensos a não vir a transitar para a parentalidade (Morgan, 1991). O país de residência dos indivíduos é determinante para explicar as intenções destes indivíduos. Os gregos são os que têm menos possibilidades de permanecer sem filhos ou de permanecer com apenas um filho depois dos 35 anos (a par dos espanhóis). Em oposição temos os portugueses, espanhóis e italianos que são mais susceptíveis de permanecer sem filhos. Adicionalmente, concluimos que o nível de escolaridade continua a ser um fator central nas intenções reprodutivas. Se a baixos índices de fecundidade e ao adiamento na idade de entrada na parentalidade estão associados níveis de escolaridade mais elevados (Kohler *et al.*, 2006; Testa, 2012), quando consideramos os indivíduos mais velhos que têm apenas um filho, aqueles que têm níveis de escolaridade superiores ao básico são menos susceptíveis de permanecer com apenas um filho. É nas idades mais avançadas que aqueles indivíduos que adiaram os seus projetos de fecundidade, devido ao tempo que levaram a concluir os seus estudos ou a estabilizar-se no mercado de trabalho (Kohler *et al.*, 2006), têm uma

oportunidade de vir a realizar as suas intenções reprodutivas. Efetivamente, segundo Fagan (2011), os elevados níveis de educação não diminuem o desejo de ter filhos, pelo contrário, a intenção aumenta para aquelas mulheres que têm níveis de educação mais elevados. Em oposição, temos aqueles que chegaram aos 35 anos sem filhos, sendo que neste caso são os que têm o secundário que apresentam mais possibilidades de não querer transitar para a parentalidade relativamente aos que detêm um grau de instrução apenas até ao ensino básico. Uma razão para tal, pode estar associada ao facto destes indivíduos, que adiaram o nascimento do primeiro filho, terem agora uma maior dificuldade (falta de recursos) em suportar os custos da entrada na parentalidade, principalmente, em contextos onde a parentalidade se tem instituído com requisitos cada vez mais exigentes (Sobotka, 2008). Segundo Kohler *et al.* (2006), a entrada dos mais jovens no mercado de trabalho é difícil e aqueles países da Europa com taxas de desemprego mais elevadas são os que apresentam índices de fecundidade mais baixos. Adicionalmente, o elevado nível de incerteza económica destes países reforça o adiamento dos projetos de fecundidade (Kohler *et al.*, 2006; Fagan, 2011). Efetivamente, aqueles pais que estão sujeitos a incertezas financeiras, tendem a limitar o número de filhos (Adsera, 2005) perante a ponderação entre custos e benefícios de ter um ou mais filhos (Kohler *et al.*, 2006). Com este estudo, concluímos que uma maior instabilidade financeira condiciona as intenções de fecundidade destes indivíduos. Seja pelo facto de não terem um trabalho, da má avaliação da sua situação de emprego e da situação económica do seu país ou pelas piores expectativas que têm em relação ao nível de subsídios a desempregados no seu país, a verdade é que, em ambos os estudos, as decisões destes indivíduos são condicionadas pela sua situação de emprego ou pela percepção que estes têm em relação à sua vida e ao estado do país. Estas questões são ainda mais importantes quando a decisão em causa é transitar para o segundo filho. Repare-se que as possibilidades destes indivíduos permanecerem com apenas um filho são mais elevadas para aqueles que: 1) não têm um trabalho; 2) fazem uma má avaliação da situação económica do país; 3) e têm piores expectativas em relação aos subsídios de desemprego. Concomitantemente, maiores possibilidades de permanecer sem filhos estão associadas à má avaliação da situação de emprego dos indivíduos. A avaliação que os indivíduos fazem do acesso à habitação também é importante para explicar as suas intenções reprodutivas. Se considerarmos que os mercados de aluguer restritos e que a sobrevalorização do mercado imobiliário nos países do sul da Europa fazem

com que os indivíduos saiam mais tarde da casa dos pais (Kohler *et al.*, 2006), então é de esperar que piores condições no acesso à habitação potenciem o adiamento da entrada na parentalidade. Efetivamente, concluímos que aqueles que fazem más avaliações do acesso à habitação no seu país têm mais possibilidades de não transitar para o segundo filho depois dos 35 anos. Outras variáveis como a avaliação do sistema de pensões e percepção da vida dos indivíduos no geral, também se revelaram significativas para explicar as suas intenções reprodutivas. Concluímos que aqueles que fazem piores avaliações do sistema de pensões no seu país são mais propensos a permanecer sem filhos depois dos 35 anos. Estes resultados são um indício de que o sistema de pensões pode estar a ganhar uma maior importância nos países onde o efeito da crise económica e financeira é mais acentuado. O número de filhos considerado ideal para uma família, também surge como um fator essencial para as intenções reprodutivas destes indivíduos. Concluímos que aqueles indivíduos com ideais reduzidos têm mais possibilidades de não transitar para a parentalidade depois dos 35 anos. São diversos os estudos que apontam para o facto da dimensão ideal no respeitante ao número de filhos de uma família ser um dos principais determinantes do comportamento reprodutivo (Sobotka *et al.*, 2014; Testa *et al.*, 2006; Testa, 2012). Uma vez que são aqueles com baixos ideais os mais susceptíveis a permanecer sem filhos, verificamos que um possível declínio deste valor pode contribuir para os baixos índices de fecundidade (Sobotka *et al.*, 2014). Os resultados deste estudo, permitem mostrar que para além das características sociodemográficas dos indivíduos é necessário ter em consideração um conjunto de valores, percepções e expectativas que, de uma forma ou de outra, determinam as suas intenções reprodutivas. Para além disso, estes fatores são tão ou mais importantes quando a decisão em causa é transitar ou não para um segundo filho. De uma forma geral, concluímos que o aumento do nível de escolaridade ou uma maior estabilidade laboral podem ser potenciadores da decisão destes indivíduos quererem ter um ou mais filhos. Adicionalmente, se as percepções destes indivíduos em relação à sua vida e ao estado do seu país forem positivas, então estamos perante uma redução considerável das probabilidades dos sul europeus permanecerem sem filhos ou com apenas um único filho.

## REFERÊNCIAS

Adsera, A. (2005). Where are the babies? Labour market conditions and fertility in Europe. *European Journal of Population*, 27, 1-32.

Fagan, P., Patterson, E., Vanderplas, S. (2011). *Factors in Fertility Decline. Why Fertility is Falling, and How to Raise It*. Working Paper 202.393.2100. Family Research Council.

Hosmer D., Lemeshow, May, S. (2013). *Applied Logistic Regression*, 3rd Ed. New York, EUA: Wiley.

Kohler, H.-P., Billari, F. C., & Ortega, J. A. (2006). Low Fertility in Europe: Causes, Implications and Policy Options. In *The Baby Bust: Who Will do the Work? Who Will Pay the Taxes?* (F. R. Harris, Ed.). Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 1-51.

Mendes, M- F. (2012). *Declínio da fecundidade, adiamento e número ideal de filhos em Portugal: o papel das medidas de política*, in Conferência Nascem em Portugal, Roteiros do Futuro, Impr. Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, pp. 91-110.

Morgan, S. P. (1991). Late nineteenth and early twentieth-century childlessness. *American Journal of Sociology*, 97(3): 779-807.

Sobotka, T. (2008). Overview Chapter 6: The diverse faces of the Second Demographic Transition in Europe. *Demographic Research*, 19, 171-224.

Sobotka, T., Beaujouan, E. (2014). Two is Best? The Persistence of Two-Child Family Ideal in Europe. *Vienna Institute of Demography. Working Paper, No. 3*.

Testa, M. R., Grilli, L. (2006). The influence of childbearing regional contexts on ideal family size in Europe. *Population*, 2006(1),61:99-127.

Testa, M., R. (2012). *Family sizes in Europe: Evidence from the 2011 Eurobarometer Survey. European Demographic Research Paper 2*. Vienna Institute of Demography of the Austrian Academy of Sciences, pp. 1-100.